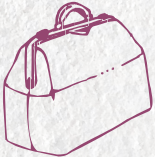


The
Artist as
translator

The Translator
as ~~Translator~~
mushroom

The
mushroom
as
artist

Revista  Valise

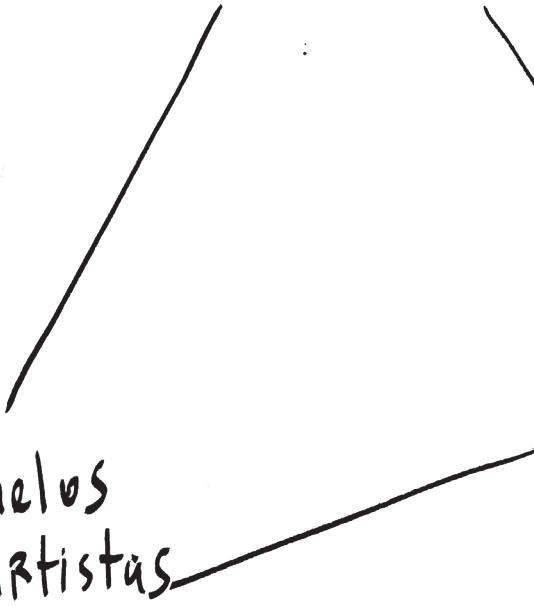
Porto Alegre, v. 11,
n. 19, ano 12,
julho de 2022.

Dance / In gold

Artistas engto
tradutores

tradutores
engto cogumelos

cogumelos
engto artistas



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitor

Carlos André Bulhões

Instituto de Artes

Diretor

Raimundo José Barros Cruz

Vice-diretora

Daniela Pinheiro Machado Kern

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais

Coordenação

Teresinha Barachini

Niura Aparecida Legramante Ribeiro

Revista-Valise

Editores

Adauany Pieve Zimovski

Charles Monteiro

Eduardo Veras

Fercho Marquéz-Elul

Fernanda Soares da Rosa

Guilherme Figueras Dable

Juliana Proença de Oliveira

Thaís Franco

Conselho Editorial

Ana Albani de Carvalho, UFRGS

Alexandre Ricardo dos Santos, UFRGS

Carlos Gerbase, PUC-RS

Daniela Mendes Cidade, UFRGS

Éder da Silveira, UFCSPA

Elida Tessler, UFRGS

Flávio Gonçalves, UFRGS

Jacinto Lageira, Paris I, Panthéon-Sorbonne

Leila Danziger, UERJ

Luiz Cláudio da Costa, UERJ

Mabe Machado Bethônico, UFMG

Maria Amélia Bulhões Garcia, UFRGS

Maria Ivone dos Santos, UFRGS

Maria Lúcia Bastos Kern, PUC-RS

Marilda Oliveira de Oliveira, UFSM

Paulo Silveira, UFRGS

Regina Melim Cunha, UDESC

Rosangella Leote, UNESP

Sidney Tamai, UNESP

Suzane Weber Silva, UFRGS

Projeto Gráfico

Marina Bortoluz Polidoro

Diagramação

Thaís Franco

Editoração

Charles Monteiro

Eduardo Veras

Fercho Marquéz-Elul

Fernanda Soares da Rosa

Juliana Proença de Oliveira

Imagem da capa

Jorgge Menna Barreto

Revisão

Fercho Marquéz-Elul

Fernanda Soares da Rosa

Juliana Proença de Oliveira

Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R454 Revista-Valise – ano 1, vol. 1, n. 1 (jul. 2011). – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2011-.

Ano 12, v. 11, n. 19 (jul. 2022).
Semestral com publicações nos meses de julho e dezembro.
ISSN 2236-1375 (versão online)

1. Artes visuais - Periódicos I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais.

CDU 7

Bibliotecária responsável
Catherine da Silva Cunha
CRB 10/1961



symbiotic

[symbiosis between
Languages]

/

a translation is
impure, a crossing,
the fruit of an
encounter

SUMÁRIO

PÁGINAS INICIAIS

EDITORIAL

ENSAIOS VISUAIS

- Enquanto tradutor **Jorgge Menna Barreto** .15
- Politische gesten* / Gestos políticos / Um arquivo de gestos **Cristina T. Ribas** .25
- Ficha técnica da coxa dela **Violeta Adelita Ribeiro Sutili** .40

ENTREVISTA

- Das artimanhas da linguagem ao cuidado com a voz do outro **Eduardo Veras** entrevista **Paulo Neves** .48

ARTIGOS

- Traduções em arte e antologias de fontes primárias **Daniela Pinheiro Machado Kern** .64
- Como capturar imagens: sobre apropriações, cópias, rastros e traduções **Marina Bortoluz Polidoro** .79
- A carne da imagem: Interferências entre traduções **Ricardo Perufo Mello** .98
- Esse não é o meu desenho **Diego Rayck** .116
- Poder macio – Um processo de tradução do poema coreano Chiclete a partir de uma perspectiva das Artes Visuais **Eduardo Montelli** .136

Notas de pensamentos vagos: a publicação de artista como meio de dar outro sentido às palavras e àquilo que nos atravessa Fernanda Fedrizzi Loureiro de Lima	.149
O que é ser uma estrangeira? Antworte e a experiência performativa de um corpo imigrante Andressa Cantergiani Fagundes de Oliveira	.169
"Imperatriz de si mesma" ou tradução como estratégia de procedimento artístico: relato de processo Gabriela Camargo e Patrícia Helena Freitag	.189
Palavra, imagem e elo: A escrita como fio condutor estruturante da obra de Arthur Bispo do Rosário Vanessa Magalhães Pinto	.209
Leituras sobre a obra de Nhô Caboclo Barbara Passeau	.227
Torres García e a metafísica da pré-história indoamericana Helena Wilhelm Eilers	.240
Para além do trágico: Traduções do sublime na arte contemporânea Jônia Rodrigues de Lima	.261
Imagens-acaso Yuri Alexander Figueiredo Flores Machado	.280

TRADUÇÕES

Uma estética do des/locamento: Os 38 dias de recordações de Steve Sabella Ella Shohat	.297
Plantando um jardim de encosta Sue Finlay	.305
Os mundos da AIDS: entre resignação e esperança Christa Brunswicker, Martine Anderfuhren e Simon Njami	.323
Reificação como despolitização estrutural: A ontologia política de György Lukács e Guy Debord Johan Frederik Hartle	.350
Momentos e temporalidades das vanguardas "no, do e sobre o feminino" Griselda Pollock	.385

EDITORIAL

O décimo nono número da Revista-Valise abraça o tema sempre fascinante da tradução. Em um país com bibliografia sobre artes ainda em construção, é imperativo recorrer a textos escritos em outros idiomas. Nessa linha, somos levados a questionar quais textos ainda aguardam versão em português, que especificidades haveria por enfrentar na transposição de textos em arte ou sobre arte, que problemas os tradutores enfrentam?

Para abrir esta edição, convidamos o artista Jorgge Menna Barreto a assumir a capa e o ensaio visual de abertura. O trabalho que ele apresenta se originou do exercício de tradução do livro ***The Mushroom at the End of the World*** (EUA, 2015), de Anna Tsing, a ser publicado em 2022 no Brasil. Segundo o artista, “A superfície branca da parede nos serviu como um suporte para anotações de alguns termos e conceitos presentes no livro e suas versões para o português brasileiro”.

Também convidamos o reputado tradutor Paulo Neves, celebrado por suas versões de autores como Georges Didi-Huberman, Maurice Merleau-Ponty ou Charles Baudelaire, a conceder uma entrevista, conduzida por Eduardo Veras, em que discorre sobre as particularidades desse ofício: a fidelidade possível aos autores, as idiosincrasias da linguagem, as estratégias cotidianas. Generoso, Neves, que é também um admirável poeta, compartilha como lida com a busca pela palavra mais precisa.

Convidamos ainda a Prof^a. Daniela Pinheiro Machado Kern, que tem larga experiência na versão de textos para o português, a nos oferecer uma reflexão sobre o tema. No artigo ***Traduções em arte e antologia de fontes primárias***, ela propõe justamente

um comentário sobre a função da tradução na perspectiva de organizadores de antologias de fontes teóricas primárias. Faz isso a partir da análise de alguns exemplos específicos, como o das antologias estadunidenses de Holt e Preziosi, ou das brasileiras de Berbara, Duarte e ela própria. Em paralelo a esses convites, a Equipe Editorial da Revista abriu a chamada “Arte e outras traduções” para submissões de ensaios visuais, artigos e traduções de textos de outros idiomas, propondo a exploração dos significados possíveis de tradução nas pesquisas práticas e teóricas em arte.

No campo das artes visuais, a ideia de tradução adquire sentidos múltiplos que desbordam da equivalência linguística. Imagens, formas, sentidos e outras experiências podem integrar manobras de tradução em arte. E são vários os exemplos de obras que mais do que criar, desvelam e apropriam-se de estruturas de tradução às vezes diluídas no cotidiano.

A partir das respostas a esta proposta, este número reúne, além do ensaio visual de Jorge Menna Barreto, outros dois ensaios visuais, dezesseis artigos e cinco traduções ao redor do tema “Arte e outras traduções”. É até o momento a maior edição da revista, com um total de 431 páginas.

Cristina T. Ribas, no ensaio visual ***Gestos políticos / Um arquivo de gestos***, partindo de uma residência no Instituto Warburg de Londres, propõe uma reflexão sobre o emaranhado das narrativas da História da Arte, das citações, das bibliotecas, etc., nos colocando a pensar como algumas pesquisas não só reagenciam, mas produzem novos arquivos e como nos fazem saltar de imaginários comuns a produções de imaginário.

No ensaio visual ***Ficha técnica da coxa dela***, a artista visual Violeta Adelita Ribeiro Suttili compõe uma espécie de ficha técnica

a partir de um conjunto de diversas imagens produzidas através de modelagem 3D, as quais possuem como molde as medidas e as proporções da perna da sua namorada, evidenciando, através de desenhos técnicos, as possibilidades de aparição de uma representatividade lésbica.

Poder Macio – Um processo de tradução do poema coreano Chiclete a partir de uma perspectiva das Artes Visuais, de Eduardo Montelli, é um texto ensaístico de artista que aborda, em estilo de fluxo de consciência, diversas questões disparadas pelo processo de tradução do poema “Chiclete”, do poeta coreano Kim Ki-taek, durante o isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19, em 2020 e 2021. A prática de tradução é pensada como transformação e ampliação de sentidos, buscando enfatizar as ressonâncias e os desdobramentos da tradução em outras formas de arte.

Fernanda Fedrizzi, em ***Notas de pensamentos vagos: a publicação de artista como meio de dar outro sentido às palavras e àquilo que nos atravessa***, apresenta uma reflexão sobre o processo de criação de uma publicação de artista e o contexto em que surgiram as anotações, que vieram a se tornar o trabalho. Ela discute o sentido das palavras quando rompem com a linguagem, e a escrita na solidão como consequência dos atravessamentos cotidianos e das marcas por eles geradas. Aponta, também, uma aproximação de conceitos da psicanálise para discorrer sobre a utopia, o desejo e a palavra em territórios de crise.

Em ***Como capturar imagens: sobre apropriações, cópias, rastros e traduções***, Marina Bortoluz Polidoro discute estratégias de apropriação de imagens, considerando as implicações poéticas e conceituais decorrentes do seu deslocamento. A reflexão tem

interesse nas capturas e nas reproduções falhas, buscando aproximá-las da ideia de tradução e do conceito de rastro aurático propostos por Didi-Huberman, a partir dos escritos de Walter Benjamin. Entende que essas falhas são como rastros e evidências da manipulação a que a imagem foi submetida adensando o resultado final do trabalho.

Ricardo Perufo Melo, em *A carne da imagem: interferências entre traduções*, procura tecer uma análise sobre a sua própria produção poética, tomando como base a pintura que se apropria do meio visual do cinema através do vídeo analógico, captada pela fotografia analógica e refletindo sobre suas características e implicações semânticas e sociais, que reverberam atualmente no cenário geral mais recente das mídias visuais como um todo.

O artigo de Diego Rayck, *Esse não é o meu desenho*, analisa o processo de redesenhar imagens, considerando-o uma forma de tradução. Leva em conta que a operação de copiar foi recurso fundamental tanto do ensino de arte quanto da difusão de imagens, desdobrando-se em variações investigativas nos processos de artistas contemporâneos. A partir do pensamento de Vilém Flusser e de Jacques Derrida, reflete sobre a tradução no processo artístico de redesenhar uma imagem.

Andressa Cantergiani Fagundes de Oliveira, no artigo *O que é ser uma estrangeira? Antworte e a experiência performativa de um corpo imigrante*, analisa o processo da performance *Antworte*, que consiste em uma ação-instalação realizada em Berlim e Hannover, partindo de sua vivência enquanto mulher artista latino-americana imigrante num contexto europeu, para investigar os movimentos de incomunicabilidade, e da tradução enquanto transcrição como desdobramento da relação com o ser estrangeiro, intruso e estranho para o outro e para si mesmo.

Em *“Imperatriz de si mesma” ou tradução como estratégia de procedimento artístico: relato de processo*, Gabriela Camargo e Patrícia Helena Freitag utilizam-se do conceito de tradução de Haroldo de Campos e da visão estruturalista de Saussure para fundamentar o fazer tradutório como produtor de sentidos em uma análise da prática artística em dança com bambolês, ou *hooping*. Elas discutem o resultado do processo do cruzamento das personas tradutora e artista como negociações de subjetividades que afetam o fazer artístico.

Vanessa Magalhães Pinto busca evidenciar, no artigo *Palavra, imagem e elo: a escrita como o fio condutor estruturante da obra de Arthur Bispo do Rosário*, a relação transgressiva existente entre palavra e imagem nos trabalhos do artista. A autora observa também que a escrita consistiu em um recurso imprescindível para a realização da missão que ele compreendia estar destinado a executar.

Barbara Passeau analisa, em *Leituras sobre a obra de Nhô Caboclo*, a obra do escultor pernambucano Manuel Fontoura, com o objetivo de visibilizar o trabalho do artista, falecido em 1976, e fomentar novas discussões sobre o conceito de arte popular.

Em *Torres García e a metafísica da pré-história indoamericana*, Helena Wilhelm Eilers discute a presença da cultura pré-hispânica na criação e na propagação do projeto do Universalismo Construtivo de Joaquín Torres García. A autora toma como principal base o manuscrito *Metafísica de la prehistoria indoamericana* (1939), escrito pelo artista, para responder às questões por vezes mal compreendidas sobre a produção de uma arte que se pretendia universal ao mesmo tempo em que exaltava a cultura ameríndia, distanciando-se da europeia.

Jônia Rodrigues de Lima se propõe, em *Para além do trágico: traduções do sublime na arte contemporânea*, a debater as manifestações do sublime que não se limitam à sua tradução como eventos catastróficos ou barbáries. Partem, em vez disso, das manifestações de emoções e sensações, resultantes de uma experiência subjetiva com elementos bem específicos, como extrema grandeza e magnitude, elevação, excesso, dor, pavor, constrangimento, entre outros, nos levando a atingir a imaginação e culminando no gozo e no deleite.

No artigo *Imagem-acaso*, Yuri Alexander Figueiredo Flores Machado analisa três imagens retiradas de filmes: a primeira de autoria do cineasta francês Chris Marker (1921 – 2012), e as outras duas retiradas do filme realizado pelo cineasta alemão Harun Farocki (1944 – 2014), para demonstrar as similitudes entre as obras e desenvolver algumas ponderações acerca do processo de resgate de possíveis significações históricas, por meio do que o autor chama de *imagens-acaso*.

Fechando o dossiê, temos cinco traduções de textos teóricos contemporâneos, até então inéditos em português, e que nos permitem refletir sobre a arte e suas traduções.

Alice Porto dos Santos traduz o texto *38 dias de recordações* (2014) de Ella Shohat, que sugestivamente evoca a força da ideia de deslocamento em que *metonímia* significa o movimento literal de um lugar a outro, e *metáfora* se refere à movimentação de um lugar a outro.

Fercho Marquéz-Elul traduziu o texto *Plantando um jardim de encosta*, de Sue Finlay, que retoma a experiência de criação, produção e execução do projeto de jardinagem *Little Sparta*, estabelecido em 1966 na Escócia pelos dois artistas, levando em conta o experimental e o intuitivo.

Fernanda Soares da Rosa e Karoline Gonçalves Lima traduziram textos que compõem o catálogo da exposição ***Os mundos da Aids: entre resignação e esperança (Les Mondes du SIDA: Entre résignation et espoir)***, mostra coletiva de arte contemporânea que teve como tema a relação entre a aids e as artes visuais e foi realizada em Genebra, em 1998, com curadoria de Frank Wagner, organizada pela *Sida Info Doc Suisse*, em parceria com o *Centro de Arte Contemporânea de Genebra*, a *Dialogai Association* e o *Centro de Arte Contemporânea de Ticino*.

O texto ***Reificação como despolitização estrutural: a ontologia política de Lukács e Debord*** de Johan Frederik Hartle, foi traduzido por Milena Batista Durante. Nele propõe-se uma reflexão desafiadora sobre como o conceito de reificação é posto em diálogo com modelos contemporâneos da ontologia política para enfatizar os efeitos despolitizantes da reificação também no nível da teoria.

Fechando este número, a tradução de Thiane Nunes para o texto ***Momentos e temporalidades das vanguardas “no, do e sobre o feminino”***, de Griselda Pollock. Nome referencial das abordagens feministas na História da Arte, a autora discute porque a cultura modernista foi tão incapaz de integrar imaginativamente a criatividade das mulheres em suas narrativas de radicalismo, inovação, dissidência e transgressão, quando o gênero deveria ser reconhecido como um dos pontos nevrálgicos da própria modernidade.

A equipe editorial busca com esse dossiê sublinhar a importância da tradução na divulgação de conhecimento no campo da arte, além de reiterar as diferentes possibilidades de transposição de linguagem no universo da criação.

Boa leitura!